

Duas mulheres nigerianas, enquanto a guerra lá fora...

Prof. Dr. Anderson Bastos Martinsⁱ (UFSJ/PRODOC-CAPES)

Resumo:

Em minha apresentação, discuto o conto “A private experience” (Uma experiência pessoal), de autoria da jovem escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Em minha análise, procuro demonstrar como a narrativa faz do relato um espaço – uma heterotopia, talvez – para a conversação – na acepção cosmopolita conferida ao termo por Kwame Anthony Appiah – entre membros de universos culturais não apenas diferentes como também extremamente antagônicos.

Palavras-chave: diferença, heterotopia, cosmopolitismo, solidariedade.

1 Introdução

Diferença: um conceito derivado de um dos fatos que sempre marcaram o trajeto da humanidade pelo planeta. E as marcas em questão são de variado, diferente, teor. Ora celebra-se a diferença. Ora ela se torna a fonte, declarada ou não, de debates acirrados, disputas, violência e morte. Afinal de contas, o que se pode fazer com tanta diferença, como a que caracteriza o mundo atual? Trata-se de uma pergunta urgente.

Em minha leitura do livro *Cosmopolitism: ética num mundo de estranhos*, que o filósofo anglo-ganense Kwame Anthony Appiah publicou em 2007, creio encontrar um admirável esforço da parte do autor por responder a esta questão.

O livro de Anthony Appiah tem o mérito de não temer alguns termos que frequentemente são anatematizados pelos entusiastas da diferença, como, por exemplo, *semelhança* e *universalidade*. Em linhas gerais, a tese de *Cosmopolitismo* é relativamente simples: as diferenças entre os bilhões de seres humanos residentes neste exato instante no globo terrestre apenas se sustentam sem causar o fim da espécie humana porque elas são medidas, e sentidas, em sua relação com os vários fatores que tornam os homens e mulheres semelhantes. Para exemplificar o pensamento do autor, pode-se dizer que o grau de empatia que os humanos nutrem uns pelos outros é muito maior do que o mesmo sentimento medido em relação às outras espécies que dividem conosco o espaço planetário. Não é por outra razão que Appiah elabora sua proposta com base na prática da “conversa” ou “conversação”, como queiram. E isto se dá não apenas porque, grosseiramente falando, os humanos não costumam estabelecer grandes interações conversacionais com os animais, as plantas, ou as forças da natureza. Até porque este tipo de conversa é frequentemente praticada por milhões de pessoas com resultados dificilmente mensuráveis. A grande questão para Appiah está em que a estrutura fisio-psíquica comum entre os homens e mulheres conduzem a uma interlocução multidirecional impossível entre a humanidade e as demais espécies animais. A partir daí, o autor vai definir o cosmopolita como o sujeito capaz de conversar com as diferenças tendo as semelhanças como ponto de partida. O ponto de chegada é o futuro e não pode ser definido aprioristicamente. Nas palavras do próprio autor:

As portas de entrada para as conversações interculturais são coisas partilhadas por aqueles que se encontram na conversa. Estas não precisam ser universais; o que importa é o que estas pessoas em particular têm em comum. Uma vez que tenhamos descoberto o bastante que partilhamos, existe a possibilidade adicional de que venhamos a apreciar descobrir coisas que ainda não partilhamos. Este é um dos lucros da curiosidade cosmopolita. Podemos aprender uns com os outros; ou podemos apenas ficar intrigados com modos alternativos de pensar, sentir e agir. (APPIAH, 2007, p. 97)

É claro que uma citação como esta cheira a política de boas intenções, a palavras despegadas

dos termos forçados sobre cada um de nós pelos fatos diários, pela alta frequência com que somos visitados pela intolerância, pelo racismo, pela discriminação, pela demonização do outro, pelos discursos condenatórios, pelos estereótipos consolidados. Tragicamente, a valorização da diferença não possui uma agenda política unicamente voltada para as boas relações humanas. Às vezes, repete-se insistentemente que diferenças existem *lá fora*, numa forma de sedimentar o discurso da unidade *aqui dentro*. É uma forma de desvalorizar o diferente no intuito de sobrevalorizar o semelhante. Políticos nacionalistas sempre fizeram uso deste recurso. Campanhas eleitorais não fazem outra coisa. Muitos pregadores religiosos seguem na esteira. E o resultado, infelizmente, não é apenas uma futebolização das relações humanas e frequentemente redundam em descabros de violência e injustiça.

2 Duas mulheres diferentes

Busquemos a literatura para dar sequência ao raciocínio. A jovem escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie vem dedicando sua obra literária à investigação dos usos e abusos da diferença. Seja em *Hibisco roxo*, seu romance inaugural, cujo tema central é o fanatismo religioso, seja em *Meio sol amarelo*, em que seguiu os passos de Chinua Achebe para retornar ao grande trauma político e religioso que a Guerra de Biafra representou para seu país, a autora mantém uma postura esperançosa em relação ao futuro da humanidade, o que talvez explique a boa aceitação do público leitor a seus livros.

Sua última obra, a coletânea de contos *The thing around your neck*, inclui uma história que gostaria de colocar em diálogo com o pensamento de Anthony Appiah e, mais tarde, com o que Michel Foucault escreveu sobre a heterotopia.

No conto “A private experience”, duas mulheres escapam de um confronto religioso pulando uma janela e caindo no interior do que parece ser uma loja abandonada. Ali, em relativa segurança, aguardam enquanto a situação *lá fora* fica tranquila o bastante para poderem retornar a suas vidas. Uma das mulheres é Chika, uma nigeriana rica, cristã pertencente à etnia ibo, portanto de pele mais clara que sua companheira, um mulher de poucos recursos, muçulmana da etnia hausa. Seu nome não é revelado na narrativa. A primeira vem do sul do país; a segunda vem do norte, a velha fronteira definida não apenas pela geografia, mas também pela religião, pela língua, pelos traços fenotípicos e pela quantidade de petróleo existente no subsolo. Assim, o conto de Adichie transforma a loja empoeirada em que se desenrola a narrativa num microcosmo em que séculos do drama nacional nigeriano podem ser reencenados em termos alternativos à realidade daquele país. E o fato de que a mulher sem nome, pertencente à parcela agressora da população naquele momento, foi a responsável por salvar a vida de Chika já aponta para o desejo de uma reconciliação nacional.

Segundo o narrador, os conflitos de rua dos quais as duas mulheres estavam fugindo ocorriam durante o governo do ditador Sani Abacha, cujo regime de corrupção e intolerância se estendeu entre 1993 e 1998. Como Abacha era muçulmano, os hausa do norte sentiam-se fortalecidos em seu antagonismo contra os cristãos do sul, que, provavelmente, aguardariam a chegada ao poder de um dos seus a fim de partirem para a revanche. Todo este processo, que se repete há séculos em muitas partes do mundo, constitui um ciclo dificilmente interrompido. E os discursos da diferença, convocados a insuflar ódios ancestrais, seguem seu curso de fortuna incerta.

No vaivém temporal empregado pelo narrador, lê-se o seguinte relato da razão para o tumulto que desencadeia o conto de Adichie:

Ela [Chika] descobrirá que tudo havia começado no estacionamento, quando um homem passou com seu carro por cima do Alcorão Sagrado que se encontrava na lateral da pista, um homem que, por acaso, era ibo e cristão. Os homens ao redor, que passavam o dia sentados ali jogando damas, homens que, por acaso, eram muçulmanos, arrancaram-no de sua caminhonete, deceparam-lhe a cabeça com um único golpe de facão e levaram-na até o mercado, chamando os demais para se

juntarem a eles; o infiel havia profanado o Livro Sagrado. (ADICHIE, 2009, p. 46)

Mas o barulho que se seguiu ficou do lado do lado de fora da loja abandonada, onde apenas Chika e a outra mulher permanecem, existem. Primeiramente, Chika se pergunta se aquela pobre comerciante do mercado de Kano compreendia a razão por aquelas constantes refregas entre nigerianos de diferentes origens e afiliações. Logo em seguida, decide que não iniciaria com a companheira “uma conversa para trocar acusações” (DICHIE, 2009, p. 49). Neste momento, Chika faz a opção por se afastar das diferenças e a narrativa começa a abrir espaço para que ambas encontrem-se, conversem, por meio de suas semelhanças.

Com ambas as protagonistas descansando no chão da loja, a comerciante sem nome reclama de ardência nos seios. Chika lhe havia dito que era estudante de medicina, o que talvez encorajou a outra a expor os seios e oferecê-los de forma quase inconsciente a um exame clínico. Chika percebe que sua companheira estava amamentando e lhe dá algumas dicas sobre hidratação da pele afetada. E também decide mentir, ao afirmar que sua mãe sofria do mesmo problema toda vez que tinha um bebê. Mas a mãe de Chika tivera apenas duas filhas, e a amamentação era sempre acompanhada de perto pelos melhores médicos. O que Chika queria, porém, era criar um laço com a outra e enfatiza o fato de ambas serem mulheres para reduzir a distância que suas condições sociais e históricas haviam criado.

O ponto crucial da narrativa chega quando a empatia criada por meio das semelhanças de gênero é reforçada pelo cruzamento das fronteiras religiosas. Quando Chika decide que já era possível sair da loja e procurar a tia com quem passava alguns dias em companhia de sua irmã, ela volta às ruas do velho mercado e toma-se de horror ao se deparar com um corpo carbonizado em seu caminho. Em pânico, retorna à loja e, no caminho, corta a perna. Novamente no chão do pequeno espaço que dividia com a outra mulher, Chika se surpreende com seu sangue a escorrer, que lhe parece pertencer a outra pessoa, “como se alguém houvesse espirrado molho de tomate nela” (ADICHIE, 2009, p. 54). O que Chika parece experimentar é o sair-de-si proposto por Appiah em sua proposta da conversação cosmopolita. Neste momento, ocorre o gesto simbólico mais potente do conto.

Ocorre que, para estancar o sangue de Chika, a mulher muçulmana lhe havia emprestado seu véu, a fonte de tanta discórdia em tantos lugares. E ali dois dos símbolos religiosos mais significativos se misturam: o véu das seguidoras de Maomé e o sangue que se sacraliza nos rituais cristãos. Um amparando o outro. Uma proximidade de diferenças que apenas a descoberta de semelhanças pode realizar sem insuflar novos conflitos. Ao final, as duas mulheres se separam, mas o narrador da pequena história permite ao leitor perceber os efeitos daquela experiência privada.

Mais tarde Chika lerá no *The Guardian* que “os muçulmanos reacionários do norte falantes de hausa têm um histórico de violência contra os não muçulmanos”, e em meio a sua dor ela irá parar para lembrar que examinou os seios e provou a gentileza de uma mulher que é tanto hausa quanto muçulmana. (ADICHIE, 2009, p. 55)

O desfecho de “Uma experiência privada” remete-nos novamente ao pensamento de Appiah, que conclui o capítulo de *Cosmopolitismo* intitulado “Estranhos imaginários” nos seguintes termos:

O problema da comunicação intercultural pode parecer imensamente complexo na teoria, quando estamos tentando imaginar o ato de dar sentido a um estranho em termos abstratos. Mas a grande lição da antropologia é que quando o estranho deixa de ser imaginário e torna-se real e presente, partilhando uma vida humana social, pode-se gostar ou não dele, pode-se concordar ou discordar; mas se for o que ambos desejam, sempre é possível fazer sentido um do outro no final. (APPIAH, 2007, p. 99)

Expandindo um pouco mais a reflexão em torno deste tocante conto de Adichie, pode-se pensar sobre a loja abandonada em que se desenrola a narrativa como o espaço heterotópico

proposto por Michel Foucault como um local de alteridade, de vidas alternativas, um espaço marcadamente psíquico que se relaciona com todos os demais espaços da vida social e sobre eles intervém. Mas para o que desejo propor na conclusão de meu trabalho, interessa-me ir além do espaço heterotópico presente na narrativa para concentrar-me no trabalho narrativo em si bem como no processo de leitura do conto.

O conhecido texto “Outros espaços”, conferência proferida originalmente em 1967, trata basicamente das heterotopias em quanto espaços reais opostos às utopias, espaços inexistentes nos quais Foucault parece ter pouco interesse e sobre os quais não deposita qualquer esperança. Mas é o espelho, espécie de cruzamento entre a utopia e a heterotopia, que motiva minha leitura do conto de Chimamanda.

Os termos com os quais Foucault caracteriza o espelho, para logo depois deixá-lo no caminho em seu texto, são os seguintes:

Acredito que entre as utopias e estes posicionamentos absolutamente outros, as heterotopias, haveria sem dúvida uma espécie de experiência mista, mediana, que seria o espelho. O espelho, afinal, é uma utopia, pois é um lugar sem lugar. No espelho, eu me vejo lá onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície (...), que me dá a mim mesmo minha própria visibilidade (...). Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo; é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou (...). A partir desse olhar (...), do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, eu retorno a mim e começo a dirigir meus olhos para mim mesmo e a me constituir ali onde estou. (FOUCAULT, 2001, p. 415).

Não há novidade em se destacar o fundo de virtualidade da narrativa, especialmente da narrativa literária em sua acepção contemporânea de escrita ficcional. Mesmo quando o texto literário é constituído de escrita inteiramente não ficcional, como em alguns trechos do romance póstumo de David Foster Wallace *The pale king*, o suporte e o gênero não permitem ao leitor abordar o texto por outro viés que não seja o da ficção. Mas propor que a virtualidade retroativa do espelho de Foucault guarda profundas semelhanças com a experiência de leitura da narrativa ficcional transporta-nos a um território escorregadio da teoria e da crítica literária contemporânea. Afinal de contas, imaginar que a literatura leva seu receptor a ver-se lá onde não está e, em seguida, voltar este olhar novo sobre si mesmo aqui onde ele ou ela realmente se encontra pode ser entendido como um retorno ao tempo em que a literatura acreditava ter um compromisso moralizador, uma tarefa civilizatória, a potencialidade para melhorar o homem.

Tudo bem que este tema não é tão difundido nos estudos literários de hoje, mas me parece ser exatamente esta a expectativa de Chimamanda Adichie quando publicou “Uma experiência privada”. Este conto parece desejar que seu leitor experimente virtualmente um momento singular em que as dessemelhanças problemáticas dividem o mesmo espaço para que as semelhanças forcem para si um lugar nesta experiência, tão privada quanto o próprio ato de leitura.

Conclusão

E, para concluir, gostaria de fazer um ligeiro comentário a respeito da ementa divulgada pela Comissão Organizadora deste XII Congresso Internacional da Abralic em seu primeiro informativo, no qual se percebe um anseio pelo retorno aos bons tempos em que a literatura comparada contava com a existência das literaturas nacionais. Assim como não me parece que Chimamanda conte com Chika e sua companheira sem nome para imaginar uma Nigéria unida para além de fronteiras étnicas, religiosas e econômicas, não creio que o modelo da literatura nacional vá manter por muito tempo a percepção de ser algo tão natural quanto as fronteiras territoriais. Ironias à parte, questionar

o paradigma do nacional não equivale a desqualificar a soberania nacional, mas impedir o esquecimento de que uma nação se forma por meio da oposição às demais nações. Mas esta é uma questão importante para o Estado, para a administração pública, para a Copa do Mundo de Futebol, não mais para a literatura. Se esta pode se aproveitar de sua virtualidade para forçar seu leitor a pensar seu lugar no mundo contemporâneo, seria mais interessante propor a discussão de que a experiência de lugar do homem contemporâneo dificilmente ficará circunscrita à ideia que faz de seu país natal. No tocante à literatura nacional, o que se pode fazer com o caso, apenas um exemplo entre tantos, do romance autobiográfico *Pao*, de Kerry Young, uma escritora nascida em Londres de pais jamaicanos descendentes dos migrantes chineses que aportaram no Caribe para suprir a falta da mão-de-obra escrava no início do século passado? O mundo está cada vez mais complicado. Apostar no chamado paradigma nacional para descomplicá-lo não parece muito promissor!

Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *The thing around your neck*. Londres: Fourth Estate, 2009.

APPIAH, Kwame Anthony. *Cosmopolitanism: ethics in a world of strangers*. Nova York: W. W. Norton & Company, 2007.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: _____. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Trad. Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 411-422. (Ditos e Escritos, v.3)

iAutor

Anderson BASTOS MARTINS, Prof. Dr.
Universidade Federal de São João del-Rei/PRODOC-CAPES
Programa de Mestrado em Letras
anderbas@gmail.com